



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ADRIANA DAVINA DA SILVA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DO GOSTO PELA LEITURA.**

CAMPINA GRANDE-PB

2018

ADRIANA DAVINA DA SILVA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DO GOSTO PELA LEITURA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Adriana Davina da.
Contação de histórias na educação infantil [manuscrito] : espaço para o desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura / Adriana Davina da Silva. - 2018.
37 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Contação de Histórias. 2. Oralidade. 3. Leitura. 4. Educação Infantil.

21. ed. CDD 372.24


ADRIANA DAVINA DA SILVA

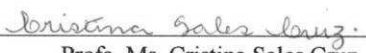
**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DO GOSTO PELA LEITURA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de graduação em Pedagogia, pela
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 14/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo – Orientadora.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ms. Cristina Sales Cruz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família e amigos pelo incentivo, amizade e apoio constantes. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Àquele que é o autor da minha vida e o responsável por minhas vitórias, sem ele eu não teria chegado até aqui, pois tem demonstrado todos os dias a sua fidelidade. Obrigada Senhor!

A toda minha família pelo incentivo dado, em especial aos meus pais Ademar Antônio e Davina Josefa, que apesar de todas as dificuldades sempre prezaram pelos meus estudos, dando-me todo amor e carinho o que para mim foi muito importante nessa caminhada. A eles toda a minha gratidão.

Aos meus queridos irmãos que sempre estiveram presentes, me dando o apoio e incentivos necessários, amo incondicionalmente.

Ao meu namorado, melhor amigo e companheiro de todas as horas, Wacelle Thiery, pelo carinho, compreensão e amor.

A minha Madrinha Mirlene Leal, que sempre esteve do meu lado ao longo desses anos, me apoiando e ajudando de todas as maneiras possíveis na realização desse sonho.

Aos meus companheiros de curso, Wanderson, Giszélia, Elisangela, Catarina e Matheus, pelas aprendizagens, momentos de alegria e incentivo nas horas difíceis.

A minha orientadora Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo, por quem tenho uma grande admiração. Agradeço por todas as leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação, atenção e alegria com que sempre me tratou.

A todos meus amigos e amigas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho.

Meus sinceros agradecimentos.

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”

(Fanny Abramovich)

RESUMO:

O principal objetivo deste estudo é discutir as contribuições da prática de contação de histórias na Educação Infantil, para o desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura, por crianças que frequentam esse nível da educação, a fim de que possamos, dentre outros, identificar a importância do planejamento e execução desta prática na rotina pedagógica de instituições escolares. Trata-se de um estudo de natureza longitudinal e de caráter qualitativo. Os dados foram coletados em uma instituição de Educação Infantil, da rede privada de ensino, localizada na cidade de Alcantil-PB/Brasil, numa turma denominada de maternal II, durante os meses de fevereiro a novembro de 2017. Os sujeitos investigados foram 08 crianças de 03 anos de idade e a professora na condição de pesquisadora. Para a coleta de dados, foram utilizados vídeos gravações e anotações escritas em Diário de Campo. As gravações e as anotações focaram situações planejadas e espontâneas de contação ou de reconto das histórias, entre a professora/pesquisadora e crianças, e entre as próprias crianças, em meio à rotina pedagógica da instituição investigada. Partimos da compreensão de que o uso do livro (texto literário) em sala de aula é essencial para a formação do leitor (ZILBERMAN, 2003), e de que o ambiente escolar deve favorecer à criança momentos prazerosos com a leitura. Para a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) ouvir a leitura de textos pelo professor é uma das possibilidades mais ricas de desenvolvimento da oralidade. O estudo evidenciou, dentre outras, que o desenvolvimento da oralidade se dá num processo de interação social, entre a criança e os indivíduos que a cercam, sendo assim, a contação de histórias como atividade pedagógica e interativa, mediada pelo professor, contribui sem dúvidas para o desenvolvimento da oralidade. Concluímos que é na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, que o professor, deve propor atividades com a contação de histórias, a fim de desenvolver o gosto pela leitura e a oralidade das crianças, pois esta passa a adquirir repertórios linguísticos variados, sendo capaz de fazer com autonomia o uso da fala no seu cotidiano.

Palavras- chave: Contação de Histórias; Oralidade; Leitura; Educação Infantil.

ABSTRACT

The main objective of this study is to discuss contributions of the practice of storytelling in Early Childhood Education, to the development of orality and the pleasure for reading, by children attending this level of education, so that we can, among others, identify the importance of the planning and execution of this practice in the pedagogical routine of school institutions. This is a longitudinal and qualitative study. The data were collected at a private educational institution, located in the city of Alcantil-PB / Brazil, in a class called maternal II, during the months of February to November of 2017. The subjects investigated were 08 children of 03 years of age and the teacher as a researcher. For the data collection, videos were recorded and written notes in Diário de Campo (Field Journal). The recordings and annotations focused on planned and spontaneous situations of storytelling or retelling, between the teacher / researcher and children, and among the children themselves, amid of the pedagogical routine of the investigated institution. We begin with the understanding that the use of the book in the classroom is essential for the formation of the reader (ZILBERMAN, 2003), and that the school environment should favor children with pleasant moments with reading. For the National Common Curricular Base (BRASIL, 2017), listening to the reading of texts by the teacher is one of the richest possibilities of oral development. The study evidenced, among others, that the development of orality occurs in a process of social interaction, between the child and the individuals that surround it, thus, storytelling as a pedagogical and interactive activity, mediated by the teacher, contributes without doubts for the development of orality. We conclude that it is in Early Childhood Education, the first stage of basic education, that the teacher should propose activities with the storytelling, in order to develop children's reading and oral pleasure, as it begins to acquire varied linguistic repertoires, being able to make the use of speech autonomously in everyday life.

Key Words: Storytelling; Orality; Reading; Child Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO LEITORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
2.1 Uma breve visão histórica sobre a contação de histórias e o surgimento de livros de literatura para crianças.....	14
2.2 A Educação Infantil como espaço que desperta o gosto pela leitura e contribui para a formação leitora da criança.	18
3. DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE	22
4. OS DADOS DA INVESTIGAÇÃO	25
4.1 Algumas considerações sobre os sujeitos investigados e procedimentos de coleta de dados	25
4.2 Análise dos dados.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute as contribuições da prática de contação de histórias na Educação Infantil, para o desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura, por crianças que frequentam esse nível da educação, a fim de que possamos, dentre outros, identificar a importância do planejamento e execução desta prática na rotina pedagógica de instituições escolares. Acredita-se que esta seja uma prática fundamental neste nível de educação, pois, quando bem planejada, pode contribuir para o desenvolvimento pessoal da criança, desde mais a tenra idade, auxiliando-a, dentre outros, no desenvolvimento da linguagem oral, além de estimular a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura.

Dessa forma, é na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, que os professores buscam através das mais variadas atividades pedagógicas, contribuir para o desenvolvimento da oralidade das crianças, através de rodas de conversas, diálogos, cantigas e principalmente com a contação de histórias¹ enriquecendo cada vez mais o vocabulário infantil. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,²

[...] Quanto mais às crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p.121).

Abramovich (2001) complementa a importância de a criança ouvir muitas histórias e destaca que esta ação é que formará o bom leitor, pois, o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente, é preciso ajudar a criança a descobrir o prazer pela leitura, lendo para ela e assim a criança entrará em contato com um caminho absolutamente infinito de descobrimento e compreensão do mundo.

Dessa forma, consideramos que a contação de histórias é uma atividade fundamental no desenvolvimento do indivíduo, pois, através dela são transmitidos valores e cultura, além

¹O termo contação de histórias, neste estudo, não será atribuído apenas à práticas que fazem uso somente da oralidade, mas, uma prática também associada ao uso do texto escrito, onde professoras e professores, em instituições escolares, contam e leem histórias, ao mesmo tempo, independente se seguem, ou não, o texto escrito no livro infantil, quando interagem com crianças em contextos diversos.

² O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil é um documento elaborado pelo MEC, o mesmo serve como um guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais da Educação Infantil, tal documento está atualmente sendo substituído pela BNCC – Base Nacional Comum Curricular, o novo documento de orientação curricular para a Educação Básica, que se encontra em fase de implementação nos Sistemas/Instituições de Ensino.

disso, a criança que ouve muitas histórias se apropria das formas de expressão próprias dos textos escritos, desenvolvendo repertórios linguísticos mais extensos e variados, ampliando inconscientemente o seu vocabulário. Diante disso, busca-se saber, como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura de crianças na Educação Infantil.

A necessidade de abordar o tema surgiu durante o Estágio de docência na Educação Infantil, durante o cumprimento do componente curricular, Estágio Supervisionado IV, ministrado e orientado pela professora Glória Maria Leitão de Souza Melo. Neste estágio, elaboramos e vivenciamos um projeto intitulado, “A arte de contar histórias”, em uma turma da Pré-Escola, denominada na instituição, por Pré II. Durante a vivência deste projeto, percebemos a importância do trabalho com a contação de histórias, não somente para o desenvolvimento do gosto pela leitura, como também, para o desenvolvimento de contextos interativos, onde se faz uso da oralidade, ou seja, onde se explora a fala da criança. O trabalho com a oralidade em sala de aula é de extrema relevância no desenvolvimento da fala e, por isso, devemos proporcionar, à criança, práticas motivadoras, com espaços para uso e reflexão da fala. O trabalho com a contação de histórias pode ser considerado importante na constituição desses espaços.

Na prática docente na creche, numa turma denominada de Maternal II, percebemos, através de diálogos, com crianças de três anos de idade, que elas não tinham contato com histórias infantis em seu ambiente familiar, e que as mesmas ainda estavam em processo de desenvolvimento da linguagem oral. Percebemos, ainda, que esse processo pode ser otimizado mediante a vivência, pelas crianças, de experiências diversificadas envolvendo a fala, através de atividades que as auxiliem, ou às oportunizem ao uso da fala em contextos interativos. Para tanto, adotamos, em nossa experiência com a mencionada turma, a prática de contação de histórias, vivenciada, cotidianamente durante o ano letivo. Atividades de (re) conto, através de diferentes procedimentos metodológicos, e diferentes materiais, foram utilizadas, pois, entendemos que para um bom desenvolvimento da oralidade, as “atividades sistemáticas de estímulo à fala, escuta e reflexão sobre a língua são essências nesse processo” (CHAER e GUIMARÃES, 2012, p. 73).

Assim sendo, destacamos a relevância do presente estudo, por compreendermos que a prática de contação de histórias é fundamental nas práticas pedagógicas, desde a creche, e tal prática possui um papel importante no processo de aquisição e desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura de crianças, desde mais a tenra idade.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo discutir as contribuições da prática de contação de histórias na Educação Infantil, para o desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura, por crianças que frequentam esse nível da educação, a fim de que possamos, dentre outros, identificar a importância do planejamento e execução desta prática na rotina pedagógica de instituições escolares.

Buscamos também, com este estudo, contemplar como objetivos específicos: discutir acerca da importância do planejamento e execução da prática da contação de histórias na rotina escolar, refletir qual a sua contribuição para a aquisição do gosto pela leitura de crianças na Educação Infantil e analisar sobre o papel do outro no processo de desenvolvimento da linguagem oral.

Para o alcance dos objetivos propostos, foi desenvolvida uma pesquisa - ação, de natureza longitudinal, considerando o período de tempo em que os dados foram coletados (fevereiro a novembro de 2017). De acordo com Elliot (1990):

A pesquisa - ação é o estudo de uma situação social com o fim de melhorar a qualidade da ação dentro da mesma; é uma atividade empreendida por grupos com objetivo de modificar a realidade; é uma prática reflexiva de ênfase social a qual se investiga e se avalia constantemente.

Assim, conforme compreensão de Elliot (1990), podemos afirmar que o presente estudo se realizou em contato direto com a situação social da sala de aula, a fim de avaliar e melhorar constantemente a prática docente, pois o mesmo teve como base uma experiência docente em uma instituição de Educação Infantil da rede particular de ensino, onde práticas pedagógicas com a contação de histórias, para o desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura de crianças de três anos foram realizadas, servindo como base para a interpretação dos dados investigados em tal estudo.

Os instrumentos utilizados para análise de dados foram: o Diário de Campo e as falas das crianças gravadas em vídeo e transcritas logo após as gravações. O público alvo para amostragem foram 8 crianças de três anos de idade e a professora da turma na condição de pesquisadora, em uma escola de Educação Infantil da rede privada de ensino na turma denominada de Maternal II. O período de coleta de dados deu-se entre os meses de fevereiro a novembro de 2017.

O Diário de campo é considerado um instrumento essencial de análise, pois nele constam os registros das observações e práticas, como também as reflexões, a partir do vivenciado em sala de aula pela professora. Chaer e Guimarães (2012) ressaltam que é

fundamental que o professor tenha um caderno onde documente a sua prática diária e que nele registre as dificuldades de pronúncia, de dicção, de concordância, a fim de planejar a superação de tais práticas o mais breve possível.

Durante a pesquisa foram realizados estudos de escopo teórico que possibilitaram uma maior compreensão da temática estudada e facilitaram o processo de coleta de dados.

O presente trabalho está estruturado, a partir da introdução, em três seções temáticas: na primeira, “Contação de histórias e práticas de formação leitora na Educação Infantil” temos um breve histórico da contação de histórias e do surgimento de livros de literatura para crianças, assim como, discutimos o papel da Educação Infantil, na formação leitora de crianças. Na segunda “Desenvolvimento da oralidade” é feita uma reflexão acerca da importância do outro no processo de desenvolvimento da oralidade infantil, considerando a contação de histórias como uma prática fundamental nesse processo. Na terceira, “Os Dados da Investigação”, apresentamos uma breve exposição acerca dos sujeitos investigados e dos procedimentos de coleta de dados, seguido da análise dos dados obtidos durante a pesquisa, com base no referencial teórico estudado.

Por fim, esperamos que este trabalho traga as contribuições necessárias aos professores que não fazem uso da prática de contação de histórias como recurso pedagógico, a refletirem e repensarem suas práticas, buscando melhorar sua práxis, a fim de obter o desenvolvimento integral e a emancipação de seus alunos.

2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO LEITORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Uma breve visão histórica sobre a contação de histórias e o surgimento de livros de literatura para crianças

A fim de discorrer sobre o objetivo maior deste trabalho, que busca uma discussão acerca da contribuição da prática de contação de histórias na Educação Infantil, para desenvolvimento da oralidade e do gosto pela leitura de crianças, primeiramente faz-se necessário conhecer a origem da contação de histórias e do surgimento dos livros de literatura infantil, assim como, refletir acerca da relevância do ato de contar histórias para o desenvolvimento infantil.

A contação de histórias é uma atividade presente na vida das pessoas desde a antiguidade. Durante muitos séculos, nas primeiras sociedades, os homens sentavam-se ao redor de fogueiras para contar e ouvir histórias, transmitindo por muito tempo através da linguagem oral, valores e conhecimentos de uma geração à outra. A humanidade encontrou dessa forma, uma maneira de deixar vivas culturas e conhecimentos. Diante disso, Nascimento et al. (2014, p.53) destaca que:

A contação de histórias além de pertencer ao campo da educação e à área das ciências humanas, é uma atividade comunicativa. Por meio dela, os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão.

Desde aqueles tempos remotos, e ainda hoje, a necessidade de compartilhar oralmente ideias, repassar informações e transmitir valores de avós para netos, ou pais para filhos, têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias.

Atualmente, as pessoas não se reúnem ao redor de fogueiras para as contações, mas utilizam o espaço do lar ou da escola para a realização de tal prática. Seja em sala de aula, em atividades pensadas pelos professores, ou até mesmo em casa, a criança tem contato com todos os tipos de histórias: mitos, lendas, contos de fadas, entre outras, fazem parte de seu cotidiano. Desse modo, era apenas através da oralidade que as histórias eram repassadas, pois não se fazia ainda o uso da escrita, quando começaram a produzir livros, não os fizeram voltados para as especificidades da criança, porque até o século XVIII a infância, como faixa etária diferenciada, necessitada de uma formação específica não existia no sentido que é entendido hoje.

Antes do século XVIII, o significado e o papel social da infância, assim como uma literatura adequada para esta fase da vida era inexistente, as crianças eram reconhecidas como pequenos adultos e possuíam tarefas e cuidados semelhantes aos dos mais velhos, o que pode explicar a alta taxa de mortalidade infantil naquela época. Stone (1979) citado por Zilberman (2003) destaca que,

Na sociedade antiga, não havia a “infância”: nenhum espaço separado do “mundo adulto”. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública [...], nas festas, guerras, audiências, execuções [...]. (STORE, 1979, p.69, apud ZILBERMAN, 2003, p.36)

Por esse motivo, as obras literárias, eram todas voltadas para o público adulto, não havendo adaptações na linguagem para o público infantil, logo, não havia livros voltados para cada faixa etária.

Zilberman (2003, p. 17) ressalta que, “com a ascensão da burguesia no século XVIII, a ideia de infância e a visão sobre criança foi modificada, graças ao novo modo de pensar a sociedade, as crianças passaram a serem vistas como um ser social, de respeito e direitos em sua sociedade e no meio familiar”. Desse modo, assumem características e necessidades próprias a serem pensadas e atendidas, instituições próprias, como as escolas, tiveram início nesta época.

As literaturas infantis também começaram a passar por um processo de adaptação para o público infantil. Sobre esse processo, Antunes Cunha (1999) destaca que a criança passa a ser considerada como um ser diferente do adulto, tendo características próprias, e necessidades de receber uma educação especial, diferente da vida dos mais velhos. Nessa mesma direção, Zilberman (2003, p. 15) complementa que, “a nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções”. Esses meios de controle que a autora menciona, são os livros e os manuais voltados para a formação da mente infantil que serviam para instruir as crianças dominando seus desejos e pensamentos, de acordo com as exigências próprias da época.

Hoje, têm-se inúmeras obras literárias dedicadas exclusivamente às crianças e profissionais envolvidos com esse infinito mundo de imaginação e curiosidade, as quais despertam interesse em pessoas de todas as idades. As histórias, destinadas ao público

infantil, trazem benefícios para o leitor e o ouvinte, pois a leitura tem diferentes funções. Góes (1991) ressalta as funções da literatura infantil para as crianças, quando comenta que,

A leitura reflexiva, a aquisição do vocabulário, a aquisição de conceitos, assim como as preferências, o gosto pela leitura, a escolha de valores são adquiridos através da literatura. O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças (GÓES, 1991, p. 22).

A partir do pensamento de Góes (1991), e nos reportando à prática da contação de histórias, ou seja, ao uso da tradição oral, mesmo que a partir do texto escrito em determinadas situações, podemos afirmar que a função social desta prática, desde a antiguidade, pode ser a de, além de contribuir para a formação de mentes de adultos e crianças, pela transmissão de costumes e tradições, a função de ampliação do vocabulário, de formação de valores, de formação de gosto pela leitura, ou, por fim, de apenas levar o sujeito ouvinte ao deleite, pelo prazer da escuta. São objetivos que perpassam os tempos e ainda se fazem presentes, pois ao contar histórias para as crianças elas podem sentir as mesmas sensações que os nossos antepassados sentiam: emoções, desejos, curiosidades; que se fazem presente até os dias atuais.

Sendo assim, a reformulação da literatura infantil e mais especificamente da contação de histórias e sua adequação condizente com cada faixa etária, foi de extrema importância para que a sua função social e individual pudesse respeitar as especificidades e necessidades de possíveis intencionalidades que a história possui e quer transmitir para a criança.

Em vista disso, em seu livro *A Literatura Infantil na Escola*, Zilberman (2003, p. 25), afirma que,

A literatura [...] sintetiza por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25)

A autora ressalta também a importância da literatura e do uso do livro em sala de aula, pois, ao ouvir as histórias a criança relaciona alguns aspectos presentes delas, com sua realidade ajudando-a a compreendê-la melhor, uma vez que, as histórias dos livros infantis permitem que a criança dialogue com o texto, buscando respostas para sua vida, pois, o que se passa na vida da criança, muitas vezes é o retratado nas histórias.

Nessa compreensão, sabemos que, a criança que tem contato com a literatura desde cedo, lendo ou ouvindo histórias pelos adultos, aprende a pronunciar melhor as palavras, compreender sua realidade, valores, ser independente, criativa, expressar sentimentos, como medo, alegria e tristeza. Diante disso, Rodrigues (2005) considera que,

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005 p. 4).

As histórias lidas para as crianças ampliam o seu contato com o livro para que elas possam conhecer esse universo cultural e imaginário, através de várias situações, a contação de histórias pode também: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento, o gosto pela leitura, além de proporcionar ao ouvinte o descobrimento de soluções para seus problemas, conflitos e emoções. Para Coelho (2001):

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstâncias de vida (COELHO, 2001, p.12).

Através destes contos maravilhosos, de sonhos, onde se encontram personagens, sentimentos, valores e desafios, as crianças encontram neles os seres verdadeiros e os fatos reais de seu dia-a-dia (Abramovich, 2001), pois, “ela associa a realidade à fantasia e geralmente se identifica com algum personagem.” (FRANTZ, 2005, p. 9). Além disso, a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, desenvolve habilidades cognitivas, tornando mais prático o processo de leitura e escrita. Ao ouvir histórias as crianças vão internalizando os modos e funções da escrita, auxiliando no reconhecimento das letras, na relação fonema e grafema, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. Portanto, o trabalho com a contação de histórias faz-se necessário no âmbito da Educação Infantil.

2.2 A Educação Infantil como espaço que desperta o gosto pela leitura e contribui para a formação leitora da criança.

Neste item faremos uma breve abordagem sobre o papel da Educação Infantil, como um espaço que desperta o gosto pela leitura e contribui na formação leitora de crianças, assim como, discutiremos a importância do planejamento e execução da prática da contação de histórias na rotina escolar.

Muito tem se discutido sobre a formação leitora na Educação Infantil. Para iniciar o diálogo, faz-se necessário significar o que é leitura. O significado da palavra “leitura” é atribuído basicamente apenas à decodificação de textos escritos, ou seja, quando o indivíduo começa a decifrar os sinais linguísticos, então se considera que este já aprendeu a ler, mas leitura não é apenas decodificação de palavras. Segundo Freire (1989) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, nesse sentido, Martins (1984) complementa que “aprender a ler significa aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios” (MARTINS, 1984 apud FRANTZ 2005, p. 17).

Desse modo, ler não é apenas decifrar os códigos linguísticos, como as letras do alfabeto, sílabas e símbolos adjacentes, mas, atribuir sentido aquilo que está vendo, sejam imagens, cenas do cotidiano, signos, todos são passíveis de uma leitura. Nesse sentido, Frantz (2005, p. 18) ressalta que “essa nova concepção de leitura, não se restringe apenas à língua escrita, mas estende à leitura de sons, gestos, imagens e acontecimentos”. Contudo a leitura da palavra escrita também é de fundamental importância, pois, fazendo uso dela é que podemos ampliar cada vez mais a nossa leitura de mundo. A coletânea de material didático do curso “*Leitura e Escrita na Educação Infantil*” elaborado pelo MEC (BRASIL, 2016) que tem como objetivo a formação de professores da Educação Infantil, traz em seu caderno 5, intitulado, *Crianças como leitoras e autoras*, a seguinte afirmação:

Na perspectiva da leitura de mundo, a Educação Infantil tem importantes funções: ampliar as experiências das crianças; dar oportunidade para elas narrarem o vivido, o observado, o sentido, o imaginado; criar um coletivo de ouvintes capazes de continuar a história uns dos outros; buscar diferentes formas de registrar as experiências individuais e coletivas do grupo/turma [...] (BRASIL, 2016, p.22)

As crianças são introduzidas a esse mundo da leitura, desde muito cedo, desde bebês quando fazem uma leitura do rosto de sua mãe, ou interpretam um som, e toda a leitura de mundo que irá se fazer presente por toda a sua vida. Porém sabemos que a leitura da palavra

escrita é essencial, ainda mais na sociedade letrada a qual fazemos parte, mas como a criança aprende e desenvolve esse hábito de leitura?

É na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, onde as crianças ingressam em um mundo desconhecido de descobertas e aventuras, mas de suma importância para sua formação integral. Dessa forma, é com atividades diárias que envolvem a leitura na sala de aula que a criança vai conhecendo o uso da leitura, e percebendo sua importância nas práticas sociais do cotidiano.

Ainda na coleção acima mencionada, em um dos cadernos intitulado de *Linguagem oral e escrita na educação infantil: práticas e interações* tem-se a seguinte afirmação:

Na Educação Infantil, muito mais importante do que, por exemplo, ensinar as letras do alfabeto é familiarizar as crianças, desde bebês, com práticas sociais em que a leitura e a escrita estejam presentes exercendo funções diversas nas interações sociais; é dar-lhes oportunidade de perceberem lógicas da escrita tais como sua estrutura peculiar (não se fala como se escreve), sua estabilidade (as palavras não mudam quando a professora lê uma história [...]). (BRASIL, 2016 p.26)

O contato da criança com o livro, antes de aprender a ler convencionalmente auxilia a torna-lo significativo, como um objeto que proporciona a satisfação e o prazer. Muitas vezes as crianças não tem contato com a leitura em seu meio familiar, conseguem manusear celulares e tablets, reconhecendo alguns ícones de aplicativos e sabem para que utilizá-lo, mas no que diz respeito à leitura da palavra escrita, não fazem ideia de sua função social, o lugar do livro parece ter sido esquecido nesse mundo tecnológico, pois muitas vezes os pais não são incentivadores, e nem possuem o hábito de ler, dessa forma, as crianças ingressam na Educação Infantil, pouco conhecendo sobre as palavras escritas e sua importância na sociedade. Em vista disso, Miguez (2000, p. 28) complementa que,

Na maioria dos casos, a escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (MIGUEZ, 2000, p. 28)

Nessa compreensão, a criança deve descobrir o prazer da leitura, antes mesmo de aprender a ler convencionalmente, o que remete a importância do ambiente familiar na formação da prática de leitura, mas embora a atuação dos pais seja fundamental, é para os professores que convergem as maiores expectativas nesse sentido.

Desse modo, o professor deve disponibilizar experiências de leitura para que a criança reflita continuamente sobre as coisas que a cercam, a fim de adquirir a leitura da palavra e ampliar a leitura de mundo. O professor pode ainda elaborar atividades cotidianas com a contação de histórias, essencial para desenvolver na criança a atenção, o imaginário e sua criatividade. Além do mais, é ouvindo e recontando histórias que as crianças vão tomando o gosto pela leitura. Nascimento et al (2014, p. 57) considera que “o ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor, desde os primeiros anos de vida”. Assim, podemos destacar no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil-RCNEI:

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (BRASIL, 1998, p. 141)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) deixam claro no eixo do currículo, que as práticas pedagógicas voltadas às crianças devem garantir experiências que,

Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos (BRASIL, 2009, p.25).

Nessa compreensão, Machado (2002) ressalta a importância da história como incentivo à leitura nas salas de aula. Considerando que um dos maiores objetivos da escola é fazer com que os alunos tenham o gosto pela leitura, sendo algo que não deve ser obrigado, mas cabe ao professor encontrar uma forma, uma estratégia para manifestar no aluno a vontade de ler.

A contação de histórias é uma prática cada vez mais presente nas turmas de Educação Infantil. Quando o professor ou professora faz uso desse recurso com algum objetivo pedagógico, ou não, torna-se uma atividade rica em todos os aspectos. Segundo Teberosky e Colomer (2003),

Isso nos leva a conceder grande importância à leitura de histórias, poesias, às instruções em voz alta, etc., por parte do professor. Numerosas pesquisas têm mostrado a existência de altos índices de correlação entre escutar, ler e aprender a ler e a escrever. (TEBEROSKY E COLOMER, 2003 p. 86).

Tal prática, pode se desenvolver a partir de um planejamento, ou quando a escola recebe a visita de um contador de histórias, assim como em visitas a espaços culturais (como feiras do livro). O professor, ou professora, através de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integrar a contação de histórias em suas aulas. Por isso, deve-se organizar os espaços para as contações, criando um ambiente mágico, com toda a ludicidade e o encantamento que as histórias possuem, fazendo com que a leitura seja prazerosa, para o leitor e o ouvinte. Diante disso, Frantz (2007) ressalta que,

O professor [...] necessita de uma metodologia para trabalhar literatura com seus alunos. Afinal, uma tarefa tão importante e decisiva quanto essa não pode mais ser feita na base da improvisação. (FRANTZ, 2007, p. 15)

As leituras devem estar presentes por todos os lugares na escola, seja no cantinho da leitura onde as crianças manuseiam os livros na tentativa de ler as imagens e dar um enredo à história, ou na hora da contação de histórias, onde ficam sentadas em um círculo ouvindo a leitura do professor, de outras são espectadoras ou observadoras, como de cartazes colados nas paredes da sala de aula, da leitura silenciosa da professora, e outras leituras estão longe do seu alcance, como as fichas informativas e o diário da escola.

A hora da contação de histórias é um momento mágico, pois se o professor for um bom contador, vai saber criar toda a magia e encanto que as histórias trazem, principalmente se forem histórias de conto de fadas, pois ao fazer uso de entonações, pausas e suspense vai criando o encantamento e despertando na criança o desejo de adentrar na história. Na maioria das vezes as contações de histórias são realizadas em círculo, as crianças vão acompanhando a leitura em voz alta feita pelo professor, seguindo os textos e imagens apenas com os olhares, dessa forma a criança vai entrando em contato com o texto escrito. O professor pode ainda variar os recursos para as contações, além dos livros, ele pode fazer uso de fantoches, máscaras, palitoques, teatro, entre outros, para que as crianças prendam ainda mais a atenção e percebam que há outras formas de se ver, ouvir e sentir uma história.

Acredita-se que é estimulando as crianças a imaginar, criar, envolver-se, que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento do gosto pela leitura e conseqüentemente da formação leitora das crianças, por isso, é de suma importância o trabalho com a contação de histórias. Acredita-se, também, que a contação de história pode interferir positivamente para a aprendizagem significativa, pois o fantasiar e o imaginar

antecedem a leitura, e ainda possibilita o desenvolvimento da oralidade, quando o contexto das práticas pedagógicas possibilita o uso da fala pelas crianças.

3. DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

Considerando que a criança participa do processo de aquisição da linguagem, na interação dialógica com seu interlocutor (adulto), nesse item, refletiremos acerca da importância do outro no processo de desenvolvimento da oralidade, considerando as possibilidades de trabalho com a contação de histórias na Educação Infantil. Acreditamos que tal prática é de extrema relevância no desenvolvimento da fala, pois permite que a criança faça uso e reflexões da sua fala em diferentes momentos na sala de aula.

A oralidade é entendida como uma atividade verbal presente nas mais variáveis situações cotidianas, desde a antiguidade, pois é através dela que são repassados e difundidos os conhecimentos, valores e histórias da memória humana, sendo um importante meio de comunicação entre crianças e adultos, pois desde cedo as crianças sentem a necessidade de participar ativamente do seu ambiente social, e a fala torna-se um importante meio para que isso aconteça.

O processo de aquisição e desenvolvimento da oralidade foi explicado por diferentes correntes teóricas com ideias e pontos de vistas que originaram diversas teorias, dentre elas estão quatro teorias³ gerais. Destacamos neste trabalho a Teoria de Interação Social de Vygotsky (1984/1993), a qual baseia-se na interação verbal, no diálogo da criança com o adulto, ou seja, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento tem origens sociais externas, nas trocas comunicativas entre os dois interlocutores.

Ainda de acordo com a Teoria Interacionista, as informações fornecidas pelos adultos no decorrer de sua interação com a criança são de suma importância para o desenvolvimento da oralidade da criança, ou seja, é na interação adulto-criança que se inicia o desenvolvimento da linguagem, para isso, o ambiente e as relações estabelecidas são fundamentais, pois, “[...] falar e pensar, não se aprende sozinho, mas na interação com outros. Assim, falar sobre as coisas com os outros ajuda a criança a pensar sobre elas e a desenvolver sua linguagem e seu

³ **A Teoria Empirista**, defende que a criança desenvolve o conhecimento linguístico por meio do estímulo-resposta. (FINGER et al, 2008); **A Teoria Inatista**, afirma que o cérebro está pronto para a aquisição da linguagem, entre os 18 meses e a puberdade, acredita-se que há um período sensível para esse processo de aquisição. (ELLIOT, 1981). Para a **Teoria Cognitiva**, o desenvolvimento da linguagem depende de certas predisposições cognitivas motivacionais, como também do processamento de informações que são inatas. (VILLA, 1995).

pensamento.” (COSTA; GUIMARÃES; ROSSETI-FERREIRA, 2003, p.83). Nesse sentido, Oliveira (2008) que corrobora com a perspectiva de Vygotsky (1993) nos faz compreender melhor esse processo, quando afirma que,

O desenvolvimento da linguagem apoia-se em forte motivação para se comunicar verbalmente com outra pessoa, motivação parcialmente inata, mas enriquecida durante o primeiro ano de vida nas experiências interpessoais com a mãe, pai, irmãos e outros educadores. (OLIVEIRA, 2008, p.149)

Segundo Vygotsky (1993), “a linguagem surge, inicialmente como um meio de comunicação entre as crianças e as pessoas em seu ambiente”, (p. 117). Nessa compreensão, sabemos que a criança não nasce sabendo falar, mas constrói essa habilidade no âmbito social, ou seja, a criança nasce com a capacidade para desenvolver a fala, e o meio social ao qual a criança está inserida torna-se o principal responsável por isso. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

[...] É na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas pelo outro. Cada língua carrega, em sua estrutura, um jeito próprio de ver e compreender o mundo, o qual se relaciona a características de culturas e grupos sociais singulares. Ao aprender a língua materna, a criança toma contato com esses conteúdos e concepções, construindo um sentido de pertinência social (BRASIL; 1998, p. 24).

Segundo Santos e Farago (2015), a necessidade que as crianças têm de utilizar a fala acontece através de experiências vivenciadas que fazem o uso da linguagem oral no cotidiano, não apenas em casa, mas também nas instituições de Educação Infantil, que é o lugar onde na maioria das vezes passa grande parte do dia. É importante que o professor valorize essa prática, dedicando-se ao desenvolvimento desse processo a partir de atividades que possam ser organizadas e trabalhadas diariamente, pois é através da linguagem oral que as crianças passam a ser ativas e participativas na sociedade. Lima (2003) ressalta que,

O desenvolvimento da criança está diretamente relacionado com a diversidade e qualidade de experiências que ela tem a oportunidade de vivenciar. Estas experiências dependem da constituição do contexto em que a criança vive, principalmente do que lhe é tornado acessível pela ação mediadora dos adultos que se ocupam dela (LIMA, 2003, p. 26).

Os pais muitas vezes não são cientes disso, ocupados com os afazeres do dia a dia, deixam de criar estímulos à fala dos pequenos, com diálogos frequentes e deixa-os a mercê

das tecnologias (celular, tablet, TV). Desde muito pequenas as crianças já estão inseridas nesse mundo tecnológico, que pouco contribui para a interação social e conseqüentemente para o desenvolvimento da oralidade.

A escola, dessa forma, torna-se para a criança a maior ou única referência para o auxílio no desenvolvimento da fala, entretanto, a equipe docente deve ter consciência disso e estimular a criança a expressar-se de diferentes formas, pois, “[...] Uma das tarefas da Educação Infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante.” (BRASIL, 1998, p. 134). De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

A Educação Infantil é a etapa em que as crianças estão se apropriando da língua oral e, por meio de variadas situações nas quais podem falar e ouvir vão ampliando e enriquecendo seus recursos de expressão e de compreensão, seu vocabulário, o que possibilita a internalização de estruturas linguísticas mais complexas (BRASIL, 2017, p. 37).

Nesse sentido, acreditamos que é na Educação Infantil, etapa em que as crianças podem ampliar, enriquecer seus recursos linguísticos e de compreensão, seu vocabulário e a internalização das estruturas linguísticas mais complexas.

Melo (2015), ao discutir sobre capacidades de atenção conjunta, por crianças, em uma instituição pública de Educação Infantil, observou, dentre outros, o quão é relevante interações sociais dessa natureza, para aquisição, desenvolvimento e comunicação da fala, por estas crianças. A hora da contação de histórias, observada por esta pesquisadora, se constituía, na rotina pedagógica da creche, um momento de interação social constitutivo de falas, e demais recursos multimodais da linguagem.

Desse modo, o professor precisa trazer em seu planejamento curricular, práticas pedagógicas, espaços e tempos de modo a favorecer o desenvolvimento da linguagem oral, pensando momentos em que as crianças possam conversar com seus colegas, com os profissionais da escola, vivenciando situações de comunicação real em que precisem repassar um recado para a outra sala, solicitar um material a um profissional da instituição e comunicar algo para os familiares em casa. Nesse sentido, o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil complementa que,

Dentre os bens culturais que as crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas

onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (BRASIL, 2009, p. 15).

Como mencionado, o professor tem grande importância nesse processo, pois pode fazer uso de variadas formas de contar histórias para fazer com que a criança desenvolva mais e melhor a oralidade. Um desses meios de trabalho é com a contação de histórias, essencial nesse processo de desenvolvimento da fala infantil, pois ao ouvir histórias, as crianças sentem o desejo de recontar, comentar, indagar ou discutir aspectos que chamaram sua atenção, fazendo uso da oralidade. No que diz respeito aos campos de experiência nos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) apresenta a seguinte afirmação:

Ouvir a leitura de textos pelo professor é uma das possibilidades mais ricas de desenvolvimento da oralidade, pelo incentivo à escuta atenta, pela formulação de perguntas e respostas, de questionamentos, pelo convívio com novas palavras e novas estruturas sintáticas, além de se constituir em alternativa para introduzir a criança no universo da escrita (BRASIL, 2017, p. 37-38).

Desse modo, sabemos que o docente da Educação infantil, tem a importante função, de auxiliar as crianças no processo de desenvolvimento da oralidade, proporcionando momentos prazerosos para que a criança sinta-se livre em fazer uso da fala. Na hora do reconto, por exemplo, se expressando livremente, dessa forma, destacamos o trabalho com a contação de histórias essencial nesse processo de desenvolvimento da oralidade.

4. OS DADOS DA INVESTIGAÇÃO

4.1 Algumas considerações sobre os sujeitos investigados e procedimentos de coleta de dados

A pesquisa-ação de campo foi realizada em uma instituição particular de Educação Infantil, localizada no centro da cidade de Alcantil- PB, com horário de funcionamento das 07: 30 às 11:30 hs. Constituiu-se como campo de investigação uma turma denominada de Maternal II (manhã), envolvendo 8 crianças na faixa etária de 3 anos, sendo 04 meninas e 04 meninos e a professora da turma na condição de investigadora. Todas as crianças eram

residentes dos bairros localizados próximos à instituição, possuindo um nível socioeconômico médio. Conforme já mencionado na introdução deste trabalho, trata-se de um estudo de natureza longitudinal, e de caráter qualitativo. No período em que estão na creche, as crianças têm a seguinte rotina estabelecida: 7:30 hs acolhida, roda de músicas e oração; 8:00 hs, roda de conversas e contação de história; 9:00 hs, lanche e recreação livre no pátio; 9:40 hs, atividades dirigidas; 10:00 higienização bucal; 10:30 hs, atividades dirigidas; 11:15 preparação para despedida.

Os critérios para escolha dos livros para as contações foram estabelecidos, conforme a faixa etária das crianças, levando em consideração as imagens que o livro apresenta, o texto, o enredo e os interesses das crianças. As histórias planejadas para as contações foram: a) Os Três Porquinhos; b) Chapeuzinho Vermelho, c) Caixinhos Dourados; d) Branca de Neve; e) O Patinho Feio; f) O que aconteceu? A baratinha adoeceu. Como mencionado na introdução, percebemos através de diálogos que as crianças não tinham contato com histórias em casa, desse modo, foram todas escolhidas pela pesquisadora, porém com o decorrer do tempo as crianças foram tendo acesso a outras histórias expostas no cantinho da leitura e davam suas indicações, como por exemplo: Peter Pan, Rapunzel, Pinóquio, entre outras histórias.

Uma história por semana era explorada todos os dias com o auxílio de livros, fantoches, dedoches e filmes, de forma clara e objetiva, para que as crianças pudessem entender a sequencia do conto. Tivemos a preocupação de contá-las com todo o encantamento que a mesma oferecia, mudando a entonação da voz, as características da fala, e os gestos de cada personagem.

O objetivo era propor uma prática efetiva com a contação de histórias, de modo que pudessemos explorar diferentes histórias, com diferentes recursos e em diferentes espaços da escola, afim de que as crianças pudessem conhecer esse universo cultural e desenvolver o gosto e o encantamento pela leitura, assim como, oportunizar o uso da fala em contextos interativos, durante as contações, ou reconto das histórias, afim de ampliar o seu vocabulário.

A coleta de dados, deu-se através de vídeo gravações e anotações em Diário de Campo, foram privilegiadas situações em que as crianças fizeram o reconto das histórias, nesse momento eram realizadas as filmagens. As observações consideradas relevantes, com destaque nas falas e pronúncias das crianças, foram anotadas no Diário de Campo, logo após as aulas. O período de coleta de dados foi de nove meses, de fevereiro à novembro de 2017.

As transcrições dos vídeos, neste trabalho, foram identificadas por CENAS, onde se informa a data e o tempo de gravação, bem como o turno em que esta ocorreu. Além dessas

informações, é indicado o CONTEXTO, em que as cenas foram observadas. Os recortes dos registros do Diário de Campo estão enumerados e datados pela ordem que aparecem no texto.

4.2 Análise dos dados

Durante a pesquisa-ação realizou-se um estudo teórico sobre a temática abordada, a fim de uma maior compreensão e aprofundamento sobre a importância da prática da contação de histórias, para desenvolvimento da oralidade, do gosto pela leitura e da formação leitora de crianças na Educação Infantil. Por fim, foram observados e analisados os resultados a luz da literatura estudada.

A partir do que foi exposto ao longo desse trabalho, percebe-se a importância da realização em sala de aula de uma prática cotidiana com a contação de histórias. Primeiro, por ser um momento de prazer, vindo da leitura. Segundo, porque causará novas possibilidades de crescimento cognitivo da criança, pois as histórias ajudam a desenvolver repertórios linguísticos mais extensos e variados.

Estudos revelam que desde muito cedo as crianças já começam a se interessar pelo mundo encantado das histórias infantis. E esse é o primeiro passo para se tornarem leitores, percurso que vai se estender até o fim de suas vidas. Frantz (2005, p. 50) ressalta que “o primeiro contato com a leitura se dá através da audição de histórias e é através do contador que a criança é introduzida no mundo da leitura antes mesmo de saber ler”, pois ao ver um adulto lendo ou ao ouvir uma história contada por ele, os pequenos vão começando a se interessar pelo mundo das palavras. Para Abramovich (2001, p.24), “uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada”.

Para as contações de histórias, foram preparados ambientes aconchegantes e atrativos, instigando as crianças a tomarem o gosto por esse universo infinito da leitura, onde se faz presentes sonhos, descobrimentos, diversão e aprendizagem. Nessa compreensão Frantz (2005) afirma que:

Contar histórias é de grande relevância para a aprendizagem da criança. Na criação de histórias, o professor poderá abordar qualquer assunto e apresentar qualquer conteúdo pedagógico, uma vez que a criança assimila melhor tudo o que é apresentado nas histórias por seus personagens do que na fala do adulto (FRANTZ, 2005. p. 10).

Antes da contação das histórias, era organizada uma roda de conversa, onde era apresentado o livro da história que seria contada (Figura 1). Os elementos do livro eram explicados, tais como título, autor, ilustrador e as imagens que apareciam na capa, para que as crianças pudessem conhecer a estrutura do livro, assim como a forma de ler, as crianças acompanhavam com os olhos o passar dos dedos sobre os textos, o modo de segurar o livro e de virar as páginas.



Figura 1- Fonte: Registrada pela professora/ pesquisadora

Em vista disso, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) elenca que um dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação infantil é:

Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto -leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita) (BRASIL, 2017, p. 45).

As crianças pediam para que fossem recontadas muitas vezes as histórias, não se cansavam de ouvi-las, Teberosky e Colomer (2003, p. 120) afirmam que “[...] a repetição facilita a compreensão, a memorização de palavras e a reconstrução da história pela criança”. As crianças também pediam espontaneamente para recontar e quando sabiam as falas, não se intimidavam, tinham livre autonomia em reproduzir na hora do conto, (figura 1) como mostra esse trecho retirado do Diário de campo, “*eu sei professora, agora ele vai dizer, abram essa porta que eu vou derrubar*” (Recorte 1 do Diário de Campo, dia: 14/03/2017).

As repetições dos contos foram fundamentais para as crianças se familiarizarem e aprenderem as falas e o enredo da história, pois, foi o primeiro contato delas com tais clássicos, notava-se ali a atenção e o prazer em ouvir as histórias, uma vez que, “*as crianças estavam conhecendo um mundo novo, o da leitura, não sabiam ao certo como fazê-la, mas sabiam que manter a atenção era essencial para entender cada detalhe da história.*” (Recorte 2 do Diário de Campo, dia 14/03/2017). Ainda reportando-se ao RCNEI (BRASIL, 1998),

observamos que este aborda a importância do professor como incentivador da leitura e oralidade para as crianças, ressaltando os benefícios do contato e do gosto pela leitura das mesmas:

A leitura realizada em voz alta, em situações que permitam a atenção e a escuta das crianças, seja na sala de aula, no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, em uma atividade específica para tal fim, etc, fornece às crianças um repertório rico em oralidade (BRASIL, 1998, p. 135)

Logo após ouvir e compreender a sequência de fatos do livro, as crianças pediam para recontar as histórias, então era disponibilizado para todas, diversos materiais e possibilidades de recontar, tais como, fantoches, dedoches, o livro, máscaras dos personagens para dramatização, e o cenário das histórias. O reconto com o livro, era realizado com uma criança por vez, nas rodas de leitura, quando já sabiam toda a sequência de fatos, ou as falas mais relevantes da história, por vezes, dividiam-se também em personagens para o reconto com fantoches ou nas dramatizações, expressavam-se livremente, interagindo umas com as outras, como podemos observar no Recorte 3:

Recorte 3:

<p>Dia 06/04/2017 - Cena 1 - Duração: 00:00:50 - Turno: Manhã Contexto: Reconto com fantoches da história da Chapeuzinho Vermelho, entre as crianças (1; 2; 3)</p> <p>Criança 1: Você vai pala onde menininha? (imitando o lobo mau, com voz grave) Criança 2: Vou levar esses doces pa minha vovozinha. Criança 1: (Nhá), aí eu comi ela. Criança 3: pá pá (imita o som de tiro) eu sou o caçador. Criança 2: Não é agora que ele aparece não, tem que esperar, você nem sabe, só daqui a pouco o tiro. (se irrita com o colega por ele não saber a sequência)</p>

No recorte 3 vemos claramente, que ao recontar a história da Chapeuzinho Vermelho, as crianças interagem trocando informações e ideias, evidenciando o uso da oralidade para a comunicação entre si, pois, quando uma criança não sabia a sequência correta, a outra ajudava, interagiam reproduziam as histórias, incorporando os próprios personagens, eram livres para contar, recontar e usar a livre imaginação, descobrindo palavras novas, sempre com intervenções da professora, ajudando nas dificuldades de pronúncias, quando preciso. No

que diz respeito ao uso da oralidade em sala de aula, o RCNEI- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), destaca que,

Uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. Isso significa que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Para tanto, deve escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, ressignificando-a e resgatando-a sempre que necessário (BRASIL, 1998 p. 135).

Nas dramatizações teatrais, a fim de estimular ainda mais a oralidade das crianças, podemos analisar o diálogo entre elas e a professora, como mostra no recorte 5 que segue. Elas puderam representar ao vivo, as ações, os enredos e personagens, explorando o cenário da história de Cachinhos Dourados, montado na sala de aula, o qual todas ficaram encantadas ao vê-lo, “[...] *as crianças ficaram entusiasmadas, pareciam não acreditar que elementos presentes apenas nos livros, estariam todos juntos na sala de aula, formando um cenário real [...]*. (Recorte 4 do Diário de campo dia: 31/03/2017).

Recorte 5:

Dia 04/04/2017 - Cena 2 - Duração: 00:02:54 - Turno: Manhã

Contexto: Dramatização da história de Cachinhos Dourados, entre: crianças 1 (papai urso); criança 2 (mamãe urso); criança 3 (bebê urso) e criança 4 (cachinhos dourados), que se dirigem as cadeiras presentes no cenário.

Criança 1: Quem comeu minha papa?

Criança 2: Quem comeu minha papa também...

Criança 3: Quem comeu minha papa.

Criança 3: quem quebrou minha cadeira!! (todos foram para a parte das cadeiras no cenário)

Criança 2: a minha também..

Criança 1: Professora, agora eu digo o que?

Professora: Quem bagunçou minha cama...

Criança 1: quem mexeu na minha cama.! (voz brava)

Criança 2: quem mexeu na minha também...!

Criança 3: quem tá na minha cama!?!?

Criança 4: eu sou uma menininha!

Professora: como você se chama menininha? Diga a eles...

Criança 4: eu sou caixinhos doulados!... eu se perdeu na floresta...eu desobedeci minha mamãe e eu se perdeu...

Criança 1: vou te levar em casa...

Nesse recorte, podemos observar que, além de desenvolver a oralidade, nessas situações de diálogo com as outras crianças e com o professor, no reconto, ou na dramatização

de uma história, a criança sente-se independente para se expressar e imaginar ser um personagem real, entrando em um mundo imaginário, incorporado por ela, começa a educar sua atenção, pronunciar corretamente as palavras, desenvolver a linguagem oral, ampliar seu vocabulário e principalmente desenvolver a autonomia para procurar nos livros, novas histórias para o seu entretenimento (Figura 2). Abramovich (2001) complementa que o ato de escutar contos é o início para a aprendizagem de se tornar um leitor.



Figura 2- Fonte: Registrada pela professora/ pesquisadora

Sabemos que para a criança desenvolver a sua oralidade, ela deve estar em um ambiente rico em atividades expressivas, calmo, seguro e acolhedor, para que se sinta estimulada a falar. Ao recontar as histórias que ouve, usando a livre imaginação, a criança estará desenvolvendo a linguagem oral, aprendendo novas palavras, na interação com as outras do seu meio nas mais diferentes situações. Abramovich (2001) destaca outras habilidades que a criança pode ampliar ao ouvir histórias:

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!.. (ABRAMOVICH, 2001 p.23)

Nesse sentido, Nascimento et al (2014, p.53) ressalta que “contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte”. Quando já sabiam a sequência toda da história, cada criança escolhia um personagem, usava a espontaneidade no andar, falar e expressar, incorporavam-no em tudo, tinham cuidado para repetir a fala igual dos personagens. Como exemplo trazemos o recorte 6:

Recorte 6:

Dia 21/05/2017 - Cena 3 - Duração: 00:02:54 - Turno: Manhã

Contexto: Reconto individual com o livro da história dos Três Porquinhos. Criança 1.

Criança 1: Era uma vez, tês porquinhos tava constuindo as casas, o lobo assopou, assopou, a casa de palha, depois assopou, assopou a casa de madeira.. Depois a de tijolo (soprando) e conseguiu derrubar a casa não, depois ele caiu no caldeirão... ai o lobo caiu no caldeirão e foi chorando para casa... e viveram feliz para sempre.. (passa o dedo pelo texto do livro, imitando o adulto-leitor)

Professora: Quem viveu feliz para sempre?

Criança 1: Os tês porquinhos!

Como podemos observar neste recorte, a criança teve cuidado em reproduzir a sequência correta do conto, não pronuncia algumas palavras corretamente, mas incorpora do seu jeito os personagens, mesmo omitindo algumas falas importantes. Podemos contatar ainda, que nas horas dos recontos, o professor pode ser considerado mediador, e tem o papel de reforçar a oralidade das crianças com diálogos são frequentes. Desse modo, Araújo (1965, p. 25) citado por Chaer e Guimarães (2012, p.75) afirma que:

A linguagem evolui dentro das possibilidades de cada aluno, em situações ricas de estímulo e satisfação, num clima emocional e convidativo. Quando o ambiente escolar favorece a expressão espontânea, a criança manifesta-se livremente sem problemas e sem constrangimento (1965, p. 25).

Através do uso frequente da fala, é que a criança vai desenvolvendo mais e melhor a oralidade, pois no cotidiano da Educação Infantil, a criança está imersa em um mundo que estima-se que se use a oralidade com frequência, tanto entre professores e crianças, como entre as próprias crianças. Ao fazer uso da contação de histórias, o professor desperta na criança o desejo de ser leitor, pois na hora das contações, criava-se um encantamento, onde as crianças ficavam hipnotizadas, a entonação na fala do professor, o suspense, ajudava a prender a atenção das crianças, elas se sentiam encantadas e apaixonadas pelas histórias, pelas imagens, como mostra esse recorte 7 do Diário de campo:

As crianças ficavam fascinadas pelas histórias, queriam ouvir novamente apenas para sentir as mesmas sensações que sentiram, tinham o livre arbítrio para explorar os livros do cantinho da leitura, e escolhiam as histórias que queriam ouvir, sentavam-se com os livros, passavam o dedo em cima das letras e fingiam está decodificando as palavras [...] (Diário de campo, 26/07/2017)

Teberosky e Colomer (2006, p. 20) consideram que com a atividade de contar histórias, as crianças aprendem que a linguagem dos livros tem suas próprias convenções, e que as palavras podem criar mundos imaginários para leitores e ouvintes. Desse modo, através dos momentos do reconto das histórias, que a criança vai dando sinais de seu desejo e gosto pela leitura. Como exemplo temos o recorte 8 a seguir:

Recorte 8:

Dia 22/09/2017 - Cena 4 - Duração: 00:01:55 - Turno: Manhã

Contexto: As crianças estão dispostas em círculo. Criança 1, pega o livro (O encontro) espontaneamente para recontar para os colegas.

Criança 1: Era um vez o menino abriu a porta e entrou (mostrando as imagens com o livro)

Criança 2: interrompe e diz: Ele abriu não, foi o vento!

Criança 1: a sua mãe ficou muito assustada, porque derrubou tudo da casa...

(Criança 1, vira o livro para si)

Criança 2: Eu quero ver o desenho!

Criança 1: Esperem... (com voz de suspense)

Criança 2: Eu vi, eu vi..

Criança 3: eu to vendo a página..

Criança 1: vocês não viram nada (risos)

(Neste momento, ela está imitando as ações da professora, pis ela faz uso do suspense para prender a atenção de todos)

(agora ela desvira o livro, observa as imagens e continua o reconto)

Criança 1: Um gato assustado, que foi para sala..

Criança 2: (interrompe novamente): assustado não..

Criança 1: Ta sim

Criança 2: ta não, ele está no sofá só..

Criança 1: o menino foi até... aonde gente?

(esconde as ilustrações do livro mais uma vez)

-Voces não podem ver..

Criança 2: Estou vendo...

Podemos perceber neste recorte, que a criança teve livre autonomia para contar a história, ela fez uso de todos os atributos que um contador de histórias faz, conseguiu prender a atenção dos colegas, criar um suspense e manter um diálogo no momento da contação. *“Mesmo não sabendo ler convencionalmente, as crianças passavam o dedo pelo texto, como se estivesse decodificando aquelas palavras, seu maior desejo parecia ser que os colegas tivessem a vontade de ouvir cada vez mais as histórias, contadas por elas.”* (Recorte 9 do Diário de Campo, dia: 23/10/ 2017).

Em vista disso, sabemos que para criar um repertório ou escolher uma história para contar, o primeiro passo parece um mistério: sentir algo especial pelo conto, porque sabemos que só poderemos contar bem uma história quando ela nos toca de forma especial, quando faz vibrar alguma coisa dentro de nós. É a paixão que vai permitir o trânsito e a circulação da história por todos. Lima (2003) ressalta a importância do contexto para o desenvolvimento da criança, quando afirma que, o desenvolvimento da criança está diretamente relacionado com a diversidade e qualidade de experiências que ela tem a oportunidade de vivenciar, estas experiências dependem da constituição do contexto em que a criança vive, principalmente do que lhe é tornado acessível pela ação mediadora dos adultos que se ocupam dela (LIMA, 2003, p. 26).

Neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela tornar-se um adulto leitor. Da mesma forma através da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou discutir a importância da contação de histórias em sala de aula na educação infantil, como prática para o desenvolvimento da linguagem oral, do gosto pela leitura e da formação leitora, analisando de que maneira as atividades pedagógicas envolvendo o uso da contação de histórias, podem auxiliar nesse processo.

Considera-se, pois, que o desenvolvimento da oralidade se dá num processo de interação social, entre a criança e os indivíduos que a cercam. Sendo assim, a contação de histórias como atividade pedagógica e interativa, mediada pelo professor, contribui sem dúvidas para este processo de desenvolvimento da linguagem oral. O professor por sua vez, precisa ter profissionalismo e disposição para trabalhar a oralidade do aluno no cotidiano, planejando em suas ações pedagógicas atividades cotidianas envolvendo a fala, e a reflexão sobre a mesma, com o objetivo de auxiliar no seu desenvolvimento da linguagem oral.

Com a análise foi possível constatar, através de teorias dos autores estudados, das falas das crianças e de observações diárias, que a contação de histórias, é sem dúvidas uma atividade que oportuniza ao aluno desenvolver a oralidade e o gosto pela leitura. Pois nos momentos de reconto ao utilizar a fala o aluno reflete sobre o que pronunciou, organizando o pensamento, e aos poucos amplia seu universo de palavras, experiências e saberes, além disso, ao ouvir as histórias e tendo o contato com os livros, elas passam a adquirir o gosto pela leitura.

Diante disso, conclui-se que é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e que esta deve ser uma prática rotineira nas escolas, pois a valorização desta atividade interfere no desempenho integral da criança, além de estimulá-la a conhecer e apaixonar-se pelo mundo da leitura, de forma a garantir a formação integral de sujeitos críticos e bons leitores.

Ao educador cabe a responsabilidade do importante papel de disponibilizar em suas aulas, histórias para serem contadas. É preciso que ele reflita, questione-se, buscando desta forma o seu melhor desempenho e do seu aluno. Ler histórias para os alunos é uma atividade que proporciona prazer, o professor deve demonstrar que também gosta de ler, dando-lhes o exemplo.

Por fim, como pedagoga, o desenvolvimento desse trabalho representou um grande avanço em nossa formação, ao mesmo tempo em que veio a aguçar nosso interesse em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento da criança em fase de Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

ANTUNES CUNHA, Maria Antonieta. **Literatura infantil: Teoria e Prática**. 18. Edição. São Paulo: Ática, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília: DF. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

_____. Conselho Nacional da Educação. Resolução CNE/CEB nº 1/1999. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Diário Oficial da União. 1999.

_____. **Crianças como leitoras e autoras** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1.ed. Brasília : MEC /SEB, 2016. Disponível em: http://www.projetoleituraescrita.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Caderno_5.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2018.

_____. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.- 1.ed. Brasília : MEC /SEB, 2016. Disponível em : http://www.projetoleituraescrita.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Caderno_5.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2018.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. v.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Pergaminho; Centro Universitário de Patos de Minas. Nov 2012. P 71-88. Disponível em: <http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/43870/a-importancia.pdf>. Acesso em: 20 Jul.2017

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.

COSTA; GUIMARÃES; ROSSETTI-FERREIRA. **Conversar para aprender a conversar**. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org). Os fazeres na Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 2003. P. 81-83.

ELLIOT, A. J. **A linguagem da criança**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981

ELLIOTT, John. **La investigación-acción en education**. Madrid. Ediciones Morata S.A. 1990.

FINGER, Denise, QUADRO, Ronice Muller. **Teorias de aquisição da linguagem**. Ed. da UFSC, 2008.

- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O Ensino de Literatura nas Séries Iniciais**. 4. Ed. Unijuí, 2005.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GÓES, Lúcia Pimentel. (1991). **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. 2ª Ed. São Paulo: Pioneira.
- LIMA, E. S. **A criança pequena e suas linguagens**. São Paulo: Sobradinho, 2003.
- MACHADO, A. M. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro. Editora: Objetiva, 2002.
- MELO, Glória Maria Leitão de Souza. **Cenas de atenção conjunta entre professoras e crianças em processo de aquisição da linguagem**. 2015, 276 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba.
- MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.
- MUSSEN, P. H. et al. Período da meninice: Linguagem e desenvolvimento cognitivo. In: P.H. Mussen. **Desenvolvimento da personalidade da criança** (p. 212-230). São Paulo. 1995.
- NASCIMENTO, Ana do et al. **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. *Pedagogia em Ação*, [S.l.], v. 5, n. 1, out. 2014. ISSN 2175-7003. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/pedagogiacao/article/view/8477/7227>>. Acesso em: 15 Fev. 2017.
- OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.
- SANTOS, M. FARAGO, A. **O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil**. *Cadernos de Educação; Ensino e Sociedade*. Bebedouro-SP. 2015. P.112.
- TEBEROSKY, Ana; COLOMBER, Teresa; **Aprender a Ler e a escrever: Uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- Villa, I. (1995). **Aquisição da linguagem**. In C. Coll & A. Marchesi. *Desenvolvimento psicológico e educação* (pp. 69-80). Rio Grande do Sul: Artes Médicas.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11.ed. São Paulo: Global, 2003.